

COUTINHO, Fernanda & PORTINARI, Denise. “Cortes, buracos e escavações no corpus da cidade: Um diálogo entre as intervenções de Matta-Clark e as incisões do corpo modificado”. In: *SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.12, v.1, Dezembro 2012. pp. 144-167.

## **Cortes, buracos e escavações no corpus da cidade:**

*Um diálogo entre as intervenções de Matta-Clark e as incisões do corpo modificado*

*Fernanda Coutinho*<sup>1</sup>

*Denise Portinari*<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é fomentar uma análise sobre as interferências em edificações urbanas realizadas pelo arquiteto e artista plástico Gordon Matta-Clark, fazendo um paralelo com as intervenções no corpo realizadas por meio da *body modification*, enquanto um fenômeno social estritamente urbano caracterizado como uma das formas de expressão do que vem sendo conhecido como “*styles tribes*”. Considerando que em ambas as situações o espaço urbano é percebido como *locus* “pulsante”, no sentido de potencial e de resistência social-política, pretende-se saber em que medida tal insubordinação à organização da cidade e à docilidade dos corpos oferece uma nova possibilidade de construção que efetivamente passa pela destruição. Para tanto, recorre-se aos estudos de Benjamin, à ideia de corpo dócil/disciplinado de Foucault e à leitura de autores como Simmel, Sennett, Siqueira, Mauss e Le Breton que entendem a cidade e o corpo como sendo socialmente construídos e simbolicamente ressignificados.

**Palavras-chave:** cidade, corpo, corte/recorte, Matta-Clark, *body modification* e transfiguração.

---

<sup>1</sup> Estudante de doutorado e mestre em Artes e Design pela PUC-Rio. Graduada em Comunicação pela PUC-Rio. Bolsista do CNPq e filiada aos grupos de pesquisa Barthes e Corps: corpo, representação e espaço urbano.

<sup>2</sup> Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica (PUC-Rio). Docente do Departamento de Artes, Design e Arquitetura da PUC-Rio.

## *INTRODUÇÃO*

*Uma cidade é construída por diferentes tipos*

*de homens, pessoas iguais*

*não podem fazê-la existir.*

*(Aristóteles, Política)*

*Uma cidade só existe pra quem pode se movimentar por ela.*

*(Movimento Passe Livre SP/RJ)*

O meio urbano, especificamente a grande metrópole, constitui um lugar por excelência *em que* se desenvolvem as relações sociais, político-econômica e a arquitetura passa ser vista, em última instância, como um reflexo dessa dinâmica que se expressa através de “arranjos de interações entre os mais diferentes indivíduos” (Siqueira e Amaral, 2011: 39). Trata-se assim de um imbricamento, de um “corpo a corpo” entre a carne e pedra por meio do qual tais experiências corporais e sensações físicas contribuem para o processo de construção da subjetividade, tanto em seu aspecto fisiológico quanto psicossocial<sup>3</sup>, conforme propõe Sennett (2008) ao analisar como as questões do corpo foram expressas na arquitetura, no urbanismo e na vida cotidiana.

---

<sup>3</sup> Le Breton (2009) mostra que os sentimentos ou as emoções não são fenômenos unicamente fisiológicos ou psicológicos. Eles fazem parte do repertório da cultura afetiva de uma sociedade e se exprimem por intermédio de uma linguagem gestual e mimética, em princípio socialmente identificável e reconhecida pelos seus pares.

Abordadas, num primeiro momento, sob os preceitos individualistas <sup>4</sup>, as análises teóricas acerca da dinâmica social, nos meios urbanos, partem de uma visão, que se poderia dizer, grosso modo, consensual sobre como as transformações provocadas pelo processo de industrialização pelo qual a Europa estava passando na virada do século XIX acabam levando a uma pulverização social fortemente caracterizada pela segregação e pelo narcisismo do indivíduo. Nesse sentido, tal comportamento social pode ser visto como fundamentado numa ideologia que tem a objetividade e a racionalidade como um valor normatizador, cujas bases remetem ao “protestantismo ascético e suas máximas sobre a conduta econômica cotidiana” (Weber, 2001:113). Ou seja, está fortemente relacionada com o que Weber (Idem, ibidem) posteriormente chama de desencantamento do mundo.

Dentro do contexto vigente, muitos dos estudos buscam entender o impacto do processo de industrialização através de uma análise das mentalidades e sensações físicas no espaço urbano. Benjamin (2007) apresenta um quadro do século de XIX, a partir de imagens concretas que compõem a cultura do cotidiano da cidade de Paris. Analisando as passagens parisienses e outras construções arquitetônicas que exploram o vidro e do ferro, bem como a construção de estradas de ferro, a iluminação a gás, a *flânerie* etc., o referido autor mostra que tais criações de base econômica e técnica acabam por levar os indivíduos a uma situação de fantasmagoria, *i.e.*, a um estado de fascinação, de ilusão e de engano. Acredita, entretanto, ser possível despertar desse engodo ilusionista mediante um processo de transfiguração política por

---

<sup>4</sup> Concepção do indivíduo – enquanto categoria moral – na condição de agente normatizador da modernidade ocidental, conforme sugerem as análises de autores como, por exemplo, Dumont (2000), que estabelece como “pedra de seu fundamento” o fim do período romano onde o indivíduo aparece fora e acima da organização social e política; Weber (2001) que estabelece uma conexão entre as ideias religiosas fundamentais do protestantismo ascético e suas máximas sobre a conduta econômica de acúmulo de capital e riqueza. Com isso, torna-se evidente que a figura do predestinado/ do escolhido/ do merecedor das graças divinas – simbolicamente percebido pelos sinais de bens e posses materiais – somente adquire sentido em uma sociedade que tem o indivíduo como valor.

meio do qual o homem, a partir de uma análise da história (na sua materialidade) na qual está situado, consegue sair desse estado de deslumbramento que envolve a sociedade industrial do século XIX e ter acesso à verdade, o que, por sua vez, levará necessariamente à destruição de antigos conceitos e sua reestruturação em novas bases.

Simmel (1987) analisa as reações dos indivíduos diante das experiências proporcionados pela cidade, em termos de tempo e espaço, dentro da lógica de acúmulo de capital baseada na pontualidade, calculabilidade e exatidão enquanto característica das sociedades industriais. Conclui que a velocidade frenética da cidade, que passa a norteá-la em termos socioeconômicos e ocupacionais, e cuja dimensão “concreta” é apreendida pela urgência dilacerante em cumprir horários acachapantes e pela demanda por transportes mais velozes, juntamente com o grande fluxo de informações (que começa a circular em seu interior), impõem aos indivíduos um ritmo de vida marcadamente acelerado, nervoso, caótico e fragmentado, conforme ilustra Singer na passagem abaixo:

Em meio à turbulência sem precedentes do tráfego, barulho, painéis, sinais de trânsito, multidões que se acotovelam, vitrines e anúncios da cidade grande, o indivíduo defrontou-se com uma nova intensidade de estímulos sensoriais (Singer, 2001:116).

No contexto vigente, as análises referentes à mobilidade e ao deslocamento em seu aspecto ultradinâmico e convulsivo - uma característica que rege os processos de sociabilização nos grandes centros urbanos da contemporaneidade - frequentemente apontam para a emergência de uma nova forma de sociabilidade que rompe/ultrapassa o princípio de individuação Maffesoli (2000:107). Nessa atual configuração localizam-se modelos cuja ênfase passa a incidir sobre um processo que corresponde ao que se poderia

chamar de desmaterialização do individualismo<sup>5</sup> enquanto mola que move as relações sociais nas grandes megalópoles.

O cenário em questão aponta para um resgate de valores tradicionais que tenham sido julgados como perdidos ou abandonados pelas sociedades individualistas. Maffesoli (Ibid.: 126) identifica, por exemplo, o reestabelecimento dos vínculos emocionais cristalizados na pulsão do estar-junto como fundamentador da vida cotidiana na contemporaneidade, a partir do que define ser paradigma estético. Há, nesse sentido, uma revalorização da ética comunitária “da realiança”, que se manifesta por meio de um sentimento de solidariedade vivenciado coletivamente pela partilha, pontual e momentânea, de valores, de ideais e, inclusive, de um mesmo território, seja de forma real ou simbólica.

Esse caldo emocional configurador das numerosas experiências sociais abre margem, tal qual assinala Maffesoli (2005: 209), para o que se poderia chamar re-encantamento do mundo, onde o político – em seu aspecto normativo, racional e contratual – cede lugar para uma lógica que valoriza o aspecto libertário, imaginário e afetual. Nesses moldes propostos, a revitalização da dimensão comunitária deve ser entendida sob a ótica de uma potência social subterrânea que emerge como transfiguração do político, podendo ser melhor percebida quando se examina de forma mais atenta o panorama social das grandes megalópoles. Mais especificamente, quando se dirige o olhar, por exemplo, para as inúmeras formas que os grupos encontram para fazer frente (confrontar) aos chamados “choques de ordem” realizados pelo Estado, que, por sua vez, aparece sob a forma de planejamento arquitetônico e social do espaço geográfico-urbano. Sua função é delimitar e autorizar a forma de ocupação das ruas, demarcando as regiões administrativas, configurando os bairros e institucionalizando as áreas de lazer. Nesse contexto, a apropriação de

---

<sup>5</sup> As teorias individualistas tornam-se apenas mais uma antiga categoria – um *bunker* obsoleto a ser abandonado, que segundo Maffesoli (2000:14) já não consegue explicar as inúmeras formas de sociabilização no cotidiano vigente.

áreas/vias/praças por diferentes grupos, que aparece sob a forma de uma territorialização explicitada na gíria urbana “esse é o meu pedaço”, funciona efetivamente como grande catalisador social afirmador da força da vinculação comunitária.

Partindo desse entendimento, o artigo em questão tem por objetivo estudar as intervenções promovidas pelo arquiteto e artista plástico Gordon Matta-Clark na cidade de Nova York, nos anos de 1970. Através de suas atividades de recortar paredes e extrair vigas de propriedades públicas, com ou sem autorização do Poder governamental, e que, algumas vezes, rendeu-lhe processo e período de refúgio na Europa, como no caso do corte circular que fez em 1975 no Píer 52 em plena Manhattan, traça-se um paralelo com as atuais práticas de modificação do físico instituídas pelos membros da *body modification* – mais conhecidos como a tribo urbana dos *body-mods* – que acabam por levar o corpo ao limite da transformação.

Focando no aspecto destrutivo de ambas as situações – no sentido concreto e físico – por meio do qual tanto a pedra quanto a carne são “ressignificadas” em termos de forma e conteúdo, levanta-se a seguinte questão: o retalhamento de construções arquitetônicas e do corpo em termos plásticos e estéticos poderia ser percebido como uma forma de transfiguração social, conforme propõe Benjamin ao analisar o meio socioeconômico da Paris do século XIX? Seria, nesse sentido também, parte do fenômeno que Maffesoli (2005) considera como decorrentes de uma sociabilidade renovada que emerge no espaço deixado pela morte do político normativo, racional e contratual?

A partir dessas indagações, procuro neste texto refletir sobre as formas como os homens constroem simbolicamente tanto os espaços quanto seus corpos ao servirem-se deles socialmente (Mauss: 1974)<sup>6</sup> e os tornam, por conseguinte, instrumentos que possibilitam a materialização de ideologias e de valores em uma sociedade.

Embora, como bem ilustra Cidade (2011), o arquiteto e artista plástico norte-americano Gordon Matta-Clarck tenha feito uso de diferentes meios para realização de seus trabalhos, como filmes, desenhos e fotografia, o presente artigo concentra-se nas intervenções realizadas no campo da arquitetura, dando ênfase especial ao seu período mais produtivo, entre 1971 e 1977. Já no âmbito dos recortes e retalhamentos promovidos no corpo, o foco está nas formas plásticas e estéticas de modificações difundidas pela *body modification*, enquanto registro de uma cultura corporal considerada "*underground*", e cujas alterações estão intrinsecamente relacionadas com o movimento estético que recebe a alcunha de *body art*. Mais especificamente, privilegiam-se as modificações convencionalmente chamadas de extremas e que, invariavelmente, são procedimentos cirúrgicos que incluem, dentre outras técnicas, as *surfaces*, *dermal punch*, *dermal anchor* (microdermal e macrodermal), *branding*, *scarifications*<sup>7</sup> etc.

---

<sup>6</sup> Marcel Mauss (1974, orig. 1934) afirma explicitamente, em seu artigo intitulado as práticas corporais, que o corpo é **o primeiro e mais natural** (grifo do presente autor) instrumento do homem. Por meio de vários exemplos enumerados, ele vai mostrando que o corpo é construído socialmente através daquilo que ele estabelece como sendo um conjunto de técnicas corporais, que são definidas e colocadas em práticas de acordo com as caracterizações particularizadas de cada sociedade, ao longo de sua história, em função das variáveis sexo e idade. É “que tais técnicas são atos montados no indivíduo e não por ele mesmo, mas por toda a sociedade da qual faz parte, no lugar que nela ocupa através de um sistema de montagens simbólicas” transmitido por meio da educação, treinamento e imitação que aparece sob a ótica do modo de vida, modus, tônus, matéria, maneiras e jeito, cujo objetivo final consiste em fazer adaptar o corpo ao seu emprego.

<sup>7</sup> Implantes; técnica de incisão que consiste em fazer um buraco na cartilagem exatamente com o mesmo instrumento usado por médicos para obter amostras de biopsia; variação do piercing cujo efeito visual é que a peça foi parafusada no corpo; produção de desenhos permanentes através de um ferrão/maçarico, em brasa, encostado sobre a pele; Técnica que consiste provocar cicatrizes na pele para produzir desenhos. Geralmente é feita com instrumentos cortantes – como navalhas cirúrgicas, lixas ou materiais abrasivos.

COUTINHO, Fernanda & PORTINARI, Denise. “Cortes, buracos e escavações no corpus da cidade: Um diálogo entre as intervenções de Matta-Clark e as incisões do corpo modificado”. In: *SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.12, v.1, Dezembro 2012. pp. 144-167.

Em termos metodológicos, este estudo apoia-se em uma pesquisa bibliográfica sobre as intervenções promovidas pelo arquiteto Gordon Matta-Clarck durante os anos de 1970, bem como um trabalho de campo muito embrionário através de uma aproximação inicial com universo da *body modification* por meio de uma conversa travada, via trocas de e-mail, de forma bastante informal, com um dos mais atuantes membros da tribo dos *body-mods* no Brasil, o paulistano Thiago Ricardo Soares, mais conhecido como T.Angel. Além de performer e adepto das práticas de modificação corporal desde 1997, possui um blog cujo endereço eletrônico é <<http://frrrkguys.com.br/frrrklogg/>>, por meio do qual propaga a *body art* e a cultura do *body modification* no país.

### **CORTES E RECORTES NO CORPUS DA CIDADE**

Observar a cidade em termos de arquitetura e de práticas cotidianas em sua dinâmica social abre brecha para que possa fazer uma leitura da cidade, pois “há um complexo sistema de práticas e um sofisticado universo imaginário inscrito nessas superfícies” (Bolle: 2000: 43), que acaba por oferecer chance de se entender as linguagens, as sensibilidades, as construções identitárias, as lutas habituais, conforme explica Oliveira:

... a observação das suas práticas cotidianas oferece-nos um olhar diferenciado sobre a cidade, sobre os sujeitos que a ocupam e suas formas de expressão e luta; o imaginário, as apropriações simbólicas e as relações estéticas aí envolvidas apontam sujeitos ativos que atuam na cidade, ressignificam formas e conteúdos, expressando-se por meio de seus corpos, assim como das paredes, dos postes e muros urbanos (Oliveira, 2007: 65).

Dentro dessa perspectiva, procuro fazer agora uma leitura dos cortes e dos retalhamentos de estruturas arquitetônicas realizados pelo arquiteto e artista plástico norte-americano Gordon Matta-Clark, articulando-os com recortes e perfurações promovidas no corpo por intermédio da *body modification*, a partir de algumas das ideias, como já foi mencionado, apresentadas pelo T. Angel. Viso, assim, demonstrar que a reconstrução também passa pela destruição, seja em seu sentido simbólico, seja em seu sentido concreto, tal qual sugere Benjamin (1984:67) ao assinalar que o termo origem, por exemplo, “designa algo que emerge do vir-a-ser e da extinção”.

Filho da norte-americana Anne Clark com o pintor surrealista chileno Roberto Matta, que a abandonou ainda grávida, Gordon Matta-Clark nasceu na cidade de

Nova York, no ano de 1943 e morreu de câncer no pâncreas, prematuramente aos 35 anos de idade. Embora seja formado em arquitetura pela *Cornell University* (Nova York, EUA), Matta-Clark nunca chegou a exercer a atividade de arquiteto, no seu sentido convencional. Atuou dentro daquilo que se poderia chamar de não-arquitetura ou da anarquitectura<sup>8</sup>, nome que ele mesmo cunhou para designar o seu trabalho e o de seu grupo, conforme aparece em uma de suas obras intituladas “máquina de não-habitar”.

Grande parte de sua produção se constitui de intervenções – gravadas e fotografadas – na paisagem das cidades de Nova York, Paris e Antuérpia, que têm como proposta contestar o aspecto, frio, objetivo, calculista e comercial da sociedade industrializada, sobretudo, fazendo frente ao acelerado e desorganizado processo urbanização pelo qual a cidade de Nova York estava passando nos anos de 1960/1970 em função das mudanças econômicas, conforme deixa claro em sua declaração abaixo:

a autêntica natureza de meu trabalho com edifícios está em desacordo com a atitude funcionalista, na medida em que esta responsabilidade profissional tem se omitido a questionar ou reexaminar a qualidade de vida que se oferece<sup>9</sup>.

Seu trabalho institui, portanto, uma crítica visceral ao processo de desumanização pelo qual passava a sociedade. Suas performances ***Splitting***

---

<sup>8</sup> Conceito criado, nos final dos anos 1960, pelo próprio Matta-Clark para fazer referência às suas intervenções de cunho político-social, cuja proposta era oferecer uma visão crítica da arquitetura, chamando atenção para a especulação imobiliária e a forma desordenada com que a cidade crescia. Já para o grupo londrino de arquitetos-ativistas Space Hijackers, os sequestradores de espaços - que luta contra a dominação arquitetônica, econômica, e social dos espaços públicos por empresas e corporações financeiras – a anarquitectura é um meio de se ampliar o significado e a essência do espaço pela comunidade que o utiliza. Para os Space Hijackers, o anarquitecto é qualquer pessoa que possa realizar interferências que ofereçam uma leitura diferente do espaço.

<sup>9</sup> Depoimento de Matta-Clark, citado por Cidade (2008:22-23), In: BROUWER, Dejando al descubierto, 1999, p. 52.

(1974), *Bingo/Ninths* (1974) e *Conical Intersection* (1975)<sup>10</sup>, literalmente ancoradas no corte, retalhamento, abertura de fendas, esburacamento e escavação de casas e prédios abandonados evidenciam não somente a ambiguidade de seu próprio método de criação como também a contradição na atual configuração das cidades. Essas intervenções de caráter destrutivo são realizadas em lugares e ambientes esquecidos, fétidos, sujos, decadentes, repudiados e condenados à demolição que a cidade economicamente rica, pujante e dinâmica quer, através dos seus mecanismos de poder, ignorar. Portanto, a força do trabalho de Matta-Clark está em escancarar esse lixo urbano e suas mazelas, que as pessoas fingem não existir ou desconhecer, com o intuito de provocar uma mudança na forma de se perceber o espaço e, com isso, levar a uma nova relação com a cidade. É exatamente nesse contexto que muitas de suas performances são realizadas basicamente com o objetivo de apresentar propostas de novos usos para esses espaços e ambientes abandonados.

O trabalho de instalação *Garbage Wall* de 1971, por exemplo, é uma tentativa de construir uma moradia melhor que as cabanas de papelão usadas pelos indigentes que moravam sob a ponte do Brooklyn em Nova York. Acreditando que o lixo poderia ser reciclado, utilizou resíduos industriais e eletrônicos encontradas na área para criar uma parede sólida que poderia ser usada na criação de casas para os mendigos.

---

<sup>10</sup> *Splitting, 1974*: literalmente o fatiamento ao meio uma casa do subúrbio de New Jersey, situada em Humphrey Street, Englewood, New Jersey. *Bingo/Ninths, 1974*: Corte em uma casa em Niagara Falls, Nova York. O artista obteve permissão para dividir a fachada exterior em nove partes. Uma hora depois de ter terminado, a casa foi demolida; *Conical Intersection, 1975*: Incisão circular, que lembrava um periscópio, entre dois edifícios geminados que se encontravam localizados no bairro onde seria erguido o complexo cultural Georges Pompidou, Paris. A perfuração possibilitava a visão do espectador atravessar as paredes.

Outro projeto, denominado **Loisaida**, embora inacabado, oferece uma proposta de reintegração social a partir do treinamento de jovens sem recursos em ofícios de alvenaria e construção refugos de fabricação. Com esses últimos exemplos, conclui-se assim que, na prática, suas atividades no campo da arquitetura acabam por provocar interferências no tecido urbano e nas interações sociais que nele ocorrem.

A partir de então efetivamente se estabelece o link entre esse corpus de pedra Matta-Clarkiano literalmente destroçado, “rompido em sua unidade” (Cidade, 2008:8), e as ações promovidas pelo *body modification* nas quais o corpo “vive e sente na carne” o ato de ser desestabilizado, violado, aberto, esburacado, despedaçado, ou seja, desvelado na sua estrutura mais íntima. Para tanto, estabelecerei um diálogo com o Thiago Ricardo Soares, que será tratado ao longo do ensaio pelo seu pseudônimo de T. Angel ou T., pois é assim que é reconhecido entre os *bod-mods* e é também como assina seus e-mails.

Originário de uma família religiosa, Thiago Ricardo Soares – T. Angel - nasceu em 1982, na cidade de Osasco na Grande São Paulo. Inscrito, desde 2008, no programa de graduação em História, desenvolve pesquisas de cunho sócio-político-cultural por meio das quais explora os próprios limites de seu corpo - fluídos e carne - para discutir valores da sociedade contemporânea. T. está também à frente do projeto FRRRKguys.com, website que, como ele próprio diz, discute a beleza *freak* masculina e traz discussões sobre modificações corporais no Brasil e no mundo. Além disso, idealiza e organiza convenções de *body modification* e *body art* na cidade de São Paulo, a exemplo das duas edições do Frrrkcon.

O *body modification*, na sua condição de cultura corporal *underground* difundida pela tribo dos *body mods*, tem na reinvenção do corpo um repertório radicalmente fértil para a reinvenção de si mesmo. Planejadas, projetadas, esquematizadas e organizadas, suas práticas envolvem, conforme ilustra

Osório (2006), uma série de elaboradas transformações irreversíveis ou não e cujo resultado final nem sempre é necessariamente alcançado em primeira instância. Pode levar anos para ser concretizado e, ao contrário do que vem sendo propagado pela imprensa e academia, não é exatamente algo restrito ao universo juvenil. É exatamente nesse sentido o relato de T.:

Movimento de jovem???????? Dennis Avner, o “homem gato”, estava com 54 anos, quando morreu, agora em novembro. Na sua jornada de mutação, ele estava se transformando em um tigre fêmea, transitando e trazendo reflexões inclusive acerca do gênero (20/11/2012).

Essa fala de T. reforça a ideia defendida por Maffesoli (2000) sobre a importância da dimensão estética enquanto uma nova ética que passa a reger as relações cotidianas e o caráter simbólico/metafórico a ela associado como possibilidade de transfiguração político-social. É justamente nesse contexto que a questão levantada por T. abre espaço para se falar em uma possível frente, contraofensiva sexual, ao corpo dócil/disciplinado instituído e fundamentado pelo poder, que, a partir do século XI, estende seu controle para o corpo social e humano (Foucault, 2011).

Esses investimentos de controle, vigilância e perseguição pelos mecanismos de poder, seja através de métodos de assepsia: criminologia, eugenia e exclusão dos degenerados, seja por meio de dispositivos disciplinares, acabam, segundo Foucault (2011:145), por levar a um domínio do próprio corpo por parte dos sujeitos. Em contrapartida, segundo ainda Foucault (*ibid. Ibidem*), emerge dessa consciência corporal a reivindicação por um corpo livre das amarras do controle socialmente instituído pelo poder.

Portanto, partindo do entendimento foucaultiano, nesse caso específico do corpo, o que torna o poder forte é também a sua vulnerabilidade, i.e., a emergência desse novo corpo radicalmente híbrido e indefinido – meio humano, meio felino, meio macho, meio fêmea. Essa emergência pode certamente ser entendida no campo das possibilidades de transgressão e, por conseguinte, de transfiguração política e social, no sentido benjaminiano e maffesoliano do termo. No contexto vigente, esse corpo mutante e metamórfico pode trazer alguma luz, por exemplo, ao imbróglio que envolve as discussões de identidade, gênero e sexo na contemporaneidade.

Já as discussões sobre alterações extremas que frequentemente apresentam um vínculo estreito com a *body art*, muito embora não estejam atreladas a esse caráter que ultrapassa o limite do corpo humano em seu aspecto físico, nem por isso deixam de ser menos radicais. A *body art* aponta, conforme sugerem as análises de Foucault (ibid. 147), para a capacidade de renovação do poder que se refaz continuamente não mais sob a forma de controle-repressão e sim de controle-estímulo. Nesse sentido, “a cada movimento de um dos dois adversários corresponde o movimento do outro”, Foucault (ibid. Ibidem).

Exatamente nesse contexto é que podem ser inseridas as observações de T. sobre as acirradas discussões que marcaram a última edição do fórum: *Reflexões sobre os corpos modificados na atualidade*, realizado em São Paulo, no dia 18 de novembro de 2012. Na sua visão, elas refletem o cenário de agitação e de ânimo exaltados que atualmente envolve a cena cultural *body-mod* no Brasil. Ou seja, segundo ele, tratam-se das mesmas discussões acaloradas que aparecem em redes sociais e que giram, invariavelmente, em torno das mesmas questões: limites do *body modifier* e do sujeito modificado, ética e competência dos profissionais, tal qual pode ser observado na sua declaração:

Todas as discussões já aconteceram e eu acho mesmo que acontecerão sempre com quase todas as modificações corporais. Desde o piercing, que hoje a gente chama de básico ou tradicional, passando pelas escarificações, os implantes e agora na bola da vez, as tatuagens no globo ocular. Não quero com isso reduzir a necessidade, urgência e importância da discussão, muito pelo contrário. Tô só reforçando, como já disse no meu site, que historicamente essas discussões exaltadas sempre aconteceram, mudando apenas as personagens, de acordo com o tempo (T. 20/11/2012).

Nítida e explicitamente nessas suas palavras é possível identificar momentos em que o poder se manifesta dentro do próprio movimento *body-mods*, aparecendo assim sob a forma de imposições de limites e no estabelecimento de medidas higienistas, que, no caso em questão, são absolutamente necessárias para sobrevivência do próprio corpo.

Com relação à sua visão sobre os atos de esburacar cartilagens, triturar a pele, arrancar seus pedaços, suspender o corpo e provocar jorros de sangue, T. considera ser menos que automutilação ou flagelo, mas uma forma experimental de se libertar das amarras sociais que se impõe ao corpo. Termina fazendo a seguinte declaração:

Não é mutilar, nem flagelar-se é quando o corpo abandona sua vulnerabilidade e alcança o pensamento (T. 20/11/2012).

A partir desse quadro apresentado, percebe-se efetivamente que o corpo pode de fato criar mecanismos de resistência às perseguições sofridas para sua domesticação, através de “agenciamentos coletivos que encarnam novas

**COUTINHO, Fernanda & PORTINARI, Denise. “Cortes, buracos e escavações no corpus da cidade: Um diálogo entre as intervenções de Matta-Clark e as incisões do corpo modificado”. In: *SINAIS - Revista Eletrônica*. Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.12, v.1, Dezembro 2012. pp. 144-167.**

cartografias socioculturais, por meio de práticas e linguagens emergentes e alternativas aos sistemas de dominação” (Oliveira: 2007: 77), possibilitando a transfiguração social e política desse corpo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essas interferências promovidas ousadamente por Matta-Clark e pelos *body-mods* abrem margem para se pensar o paradoxo inerente à destruição em sua própria origem. Nesse sentido, o pressuposto de Benjamin (1984:67), que a “origem emerge do vir-a-ser e da extinção”, permite uma leitura dessas intervenções destrutivas, que ganham concretude física no desmoronamento da pedra e do dilaceramento da carne, como uma possibilidade de transfiguração social e política.

Desse modo, a transfiguração – de acordo com os termos propostos por Benjamin e já mencionados no início deste artigo – se dá pelo acesso à verdade graças a uma análise concreta dos fatos em termos de sua história. Fazendo isso, acaba-se por aniquilar essas categorias que funcionam como falsos alicerces para, em seguida, reconstruí-las em novos termos/princípios, pois a “destruição da história é também, no seu reverso, a manifestação plena de seu sentido que, por sua vez, é apreendido através da junção de seus fragmentos” (ibid: 50). Dentro desse contexto, Benjamin (ano?), em uma belíssima passagem sobre a relação da história com a verdade, discorre sobre a possibilidade de se recriar algo a partir de um amontoado de ruínas, simbolizado nos cacos do mosaico estilhaçado que fora arrancado de seu sentido original. A partir de uma nova justaposição, de uma montagem desses fragmentos, tem-se acesso a um novo universo, que contribui para a formação de um novo todo de esplendorosa grandeza, conforme se observa abaixo:

Ela (história, em sua dimensão concreta e fragmentada, representa a verdade que só pode ser – “mentalmente” – apreendida pela materialidade) não teme, nessas interrupções, perder sua energia, assim como o mosaico, na fragmentação caprichosa de suas partículas, não perde sua majestade. Tanto o mosaico como a contemplação justapõem elementos isolados e heterogêneos, e nada manifesta com mais força o impacto transcendente, quer da imagem sagrada, quer da verdade. O valor desses fragmentos de pensamento é tanto maior quanto menor a sua relação imediata com a concepção básica que lhes corresponde, e o brilho da representação depende desse valor da mesma forma que o brilho do mosaico depende da qualidade do esmalte (Benjamin, *Ibid.*: 50-51).

Já a transcendência do político, nos termos maffesolianos, ganha concretude através de práticas cotidianas que desdenham do aspecto racional e domesticador do político-econômico. Segundo Maffesoli (1985:23), em uma ode ao entusiasmo e ao êxtase dionisíaco, “é necessário, para que uma sociedade se reconheça como tal, que ela possa por em ação a desordem das paixões”. Nesse contexto, um paralelo com o mito de Dioniso é inevitável, de forma que se torna muito apropriado recorrer à narrativa de Brandão, que descreve o mito da seguinte forma:

Dos amores de Zeus e Perséfone nasceu o primeiro Dioniso, chamado mais comumente de Zagreu. Preferido do pai dos deuses e dos homens, estava destinado a sucedê-lo no governo do mundo, mas o destino decidiu o contrário. Para proteger o filho dos ciúmes de sua esposa Hera, Zeus confiou-o aos cuidados de Apolo e dos Curetes, que o esconderam nas florestas do Parnaso. Hera, mesmo assim, descobriu o paradeiro do jovem deus e

encarregou os Titãs de raptá-lo e matá-lo. Com o rosto polvilhado de gesso, a fim de não se darem a conhecer, os Titãs atraíram o pequenino Zagreu com brinquedos místicos: ossinhos, pião, carrapeta, "crepundia" e espelho. De posse do filho de Zeus, que tentou fugir metamorfoseado em touro, os enviados de Hera fizeram-no em pedaços; cozinham-lhe as carnes num caldeirão e as devoraram. Zeus fulminou os Titãs e de suas cinzas nasceram os homens, o que explica no ser humano os dois lados: o bem e o mal. A nossa parte titânica é a matriz do mal, mas, como os Titãs haviam devorado Dioniso, a este se deve o que há de bom em cada um de nós. [...] Atená, outros dizem que Deméter, salvou-lhe o coração que ainda palpitava. [...] Tendo, depois, engolido o coração de Zagreu ou fecundada por Zeus, Sêmele ficou grávida do segundo Dioniso. Hera, no entanto, estava vigilante. Ao ter conhecimento das relações amorosas de Sêmele com o esposo, resolveu eliminá-la. Transformando-se na ama da princesa tebana, aconselhou-a a pedir ao amante que se lhe apresentasse em todo o seu esplendor. O deus advertiu Sêmele de que semelhante pedido lhe seria funesto, uma vez que um mortal, revestido da matéria, não tem estrutura para suportar a epifania de um deus imortal. Mas, como havia jurado pelas águas do rio Estige jamais contrariar-lhe os desejos, Zeus apresentou-se-lhe com seus raios e trovões. O palácio da princesa se incendiou e esta morreu carbonizada. O feto, o futuro Dioniso, foi salvo por gesto dramático do pai dos deuses e dos homens: Zeus recolheu apressadamente do ventre da amante o fruto inacabado de seus amores e colocou-o em sua coxa, até que se completasse a gestação normal. Tão logo nasceu o filho de Zeus, Hermes o recolheu e levou-o às escondidas para a corte de Átamas, rei beócio de Queroneia, casado com a irmã de Sêmele, Ino, a quem o menino foi entregue. Irritada com a acolhida ao filho adúltero do esposo, Hera enlouqueceu o casal. Ino lançou seu filho caçula, Melicertes, num caldeirão de água fervendo, enquanto Átamas, com um venábulo, matava o mais velho, Learco, tendo-o confundido com um veado. Ino, em seguida, atirou-se ao mar com o cadáver de Melicertes e Átamas foi banido da Beócia. Temendo novo estratagemas de Hera, Zeus transformou o filho em bode e mandou que Hermes o levasse, dessa feita, para o monte

Nisa, onde foi confiado aos cuidados das Ninfas e dos Sátiros, que lá habitavam numa gruta profunda. (2000:117-20).

Cabe ressaltar, portanto, que assim como Dioniso<sup>11</sup>, deus da metamorfose por excelência, cujo corpo dilacerado - seus pedaços devorados pelos Titãs - renasce de seu próprio coração ainda palpitante, a ação de destruir monumentos da cidade e dilacerar o corpo alude para essa possibilidade dionisíaca de recriação que o próprio corpus em ruína oferece. Portanto, o potencial real e efetivo de transfiguração e transcendência política reside não somente nessa capacidade de se refazer, mas também na força e eficácia simbólica que esse ato de se reinventar possa vir a ter.

Para finalizar, é igualmente importante considerar que a forma originada é sempre entendida como uma "restauração inacabada", tal qual esclarece Benjamin:

O originário não se encontra nunca no mundo dos fatos brutos e manifestos, e seu ritmo só se revela a uma visão dupla, que o reconhece, por um lado, como restauração e reprodução, e por outro lado, e por isso mesmo, como incompleto e inacabado (Benjamin, 1984:68).

Tendo em vista tal consideração, torna-se lícito afirmar que – em termo simbólico e figurativo – toda obra é, por natureza, inacabada, e a sua compreensão sempre será parcial, valorizando nisso toda a ambiguidade que o termo carrega. Desse modo, a leitura que está sendo feita das ações destrutivas de Matta-Clarck e dos *body-mods* assim como o significado a elas atribuído são apenas interpretações.

---

<sup>11</sup> Ver, para maior conhecimento do referido mito, o importante texto de Brandão, Junito de Souza. *Dioniso ou Baco: O deus do êxtase e do entusiasmo*. 11a ed. Petrópolis, Vozes, 2000.

Portanto, o seu sentido está diretamente vinculado ao modo como os fragmentos desses *corpora* em ruínas aparecem justapostos ao longo do texto e à visão, à ilusão, à miopia e, até mesmo, ao capricho da autora que está aqui propondo reunir, colar e remontar esses pedaços, para trazer à luz um frecho de uma possível verdade (sic) ou uma verdade parcial (sic), inspirada nas palavras do poeta Carlos Drummond de Andrade:

A porta da verdade estava aberta,  
mas só deixava passar  
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,  
porque a meia pessoa que entrava  
só trazia o perfil de meia verdade.  
E sua segunda metade  
voltava igualmente com meio perfil.  
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.  
Chegaram ao lugar luminoso  
onde a verdade esplendia seus fogos.  
Era dividida em metades  
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.  
Nenhuma das duas era totalmente bela.  
E carecia optar. Cada um optou conforme  
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

(*Carlos Drummond de Andrade, Verdade*)

COUTINHO, Fernanda & PORTINARI, Denise. “Cortes, buracos e escavações no corpus da cidade: Um diálogo entre as intervenções de Matta-Clark e as incisões do corpo modificado”. In: *SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.12, v.1, Dezembro 2012. pp. 144-167.

#### REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Carlos Drummond. “Verdade”. In: *Corpo: Novos poemas*. Rio de Janeiro: Record, 1984. 4ª ed.

Guggenheim on-line (museu) – Disponível em [http://www.guggenheim.org/new-york/collections/collection-online/show-full/bio/?artist\\_name=Gordon%20Matta-Clark](http://www.guggenheim.org/new-york/collections/collection-online/show-full/bio/?artist_name=Gordon%20Matta-Clark) > . Acesso em 14/11/2012.

BENJAMIN, Walter. “Paris, capital do século XIX”. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p.39-52.

\_\_\_\_\_. “Questões introdutórias de crítica do conhecimento”. In: *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BOLLE, Willi. *A fisionomia da metrópole moderna: Representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. “Dioniso ou Baco: O deus do êxtase e do entusiasmo”. In: *Mitologia Grega*. Petrópolis, Vozes, 2000. 3v. 11ª Ed. pp. 113-140.

CIDADE, Daniela Mendes. *Os cortes de Gordon Matta-Clark: Um ritual de destruição e reconstrução da arquitetura*. 2010. 353f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011.

\_\_\_\_\_. “Gordon Matta-Clark: Arquitetura e apropriações”. In:

COUTINHO, Fernanda & PORTINARI, Denise. “Cortes, buracos e escavações no corpus da cidade: Um diálogo entre as intervenções de Matta-Clark e as incisões do corpo modificado”. In: *SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.12, v.1, Dezembro 2012. pp. 144-167.

*Anais do Seminário Arte e Cidade, Memória e Contemporaneidade*, 11, 2008, Salvador: EDUFBA, 2008. Salvador: Grupo de Pesquisa Identidade e Território: GPIT, 2008. P. 94p.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRRRKguys.com (website sobre o universo dos *body-mods*) – Disponível em <<http://frrrkguys.com.br/>> Acesso em 18/11/2012.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: A antropologia das emoções*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.

LEITE, José William do Nascimento. *Walter Benjamin: A resistência como forma e conquista da felicidade* 2011. 98f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. 2011.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. São Paulo: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. *A sombra de Dionísio: contribuições para uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA., 1985.

\_\_\_\_\_. *A transfiguração do político: A tribalização do mundo*. Porto Alegre: Editora Salina, 2005.

MAUSS, Marcel. “As técnicas do corpo”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: E.P.U., 1974.

COUTINHO, Fernanda & PORTINARI, Denise. “Cortes, buracos e escavações no corpus da cidade: Um diálogo entre as intervenções de Matta-Clark e as incisões do corpo modificado”. In: *SINAIS - Revista Eletrônica. Ciências Sociais*. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.12, v.1, Dezembro 2012. pp. 144-167.

SINGER, Ben. “Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular”. In: CHARNEY, LEO, SCHWARTZ, Wanessa R. (Org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cozac & Naify, 2001. pp.115-148.

*Space Hijackers* (Organização de Ativistas Sociais) – Disponível em <<http://www.spacehijackers.org/html/history.html>> Acesso em 14/10/12.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. “Estéticas juvenis: Intervenções nos corpos e na metrópole”. In: *Comunicação Mídia e Consumo*. ESPM; São Paulo, 2007. vol. 4, n .9. pp. 63 – 86.

SIMMEL, George. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1973. 2ª ed. pp.11-25.

OSÓRIO, Andréa. “A geografia corporal dos espaços abertos: reflexões sobre o corpo carioca”. In: *Os urbanitas: revista digital de antropologia urbana*. Ano 2, v.1, n.2, fev. 2005. Disponível em <<http://www.aguaforte.com/antropologia/>>. Acesso em: 23 /06/2006.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; AMARAL, Luiza Real de Andrade. *Vozes da vila: Espaço e representações no Entorno da Cidade*. Contemporânea, dez.2011. pp. 37-50. Ed.18, vol.9, n.2.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo moderno*. São Paulo: Martin Claret, 2001.